

A NOVA LITERATURA UNIVERSAL: A FIGURA DO REFUGIADO EM *GEHEN, GING, GEGANGEN* DE ERPENBECK E *OHRFEIGE* DE KHIDER

MONIQUE CUNHA DE ARAÚJO¹
GERSON NEUMANN²

¹Doutoranda na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – mcunhadearaujo@gmail.com

²Professor Doutor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - gerson.neumann@gmail.com

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é expor o andamento do projeto de doutorado realizado na UFRGS na área de literatura comparada, em que propõe a investigação da atualidade do conceito “Weltliteratur” a partir de duas obras contemporâneas em língua alemã, nas quais a figura do refugiado e da chamada “escrita refugiada” caracterizam a literatura sem domicílio fixo (*Literatur ohne festen Wohnsitz*), termo cunhado pelo filólogo alemão Ottmar Ette (2001).

Na Alemanha atual, muitos são os migrantes que escrevem em língua alemã. Com o processo de deslocamentos durante e pós Segunda Guerra Mundial, com a massa de trabalhadores estrangeiros contratados pelo programa *Gastarbeiter*, no período de 1950 a 1970 e, finalmente, com o grande movimento de refugiados e exilados a partir dos anos 2000 – que viu seu pico em 2015, com a “grande crise dos refugiados” –, a Alemanha caracteriza-se como um país sincrético cultural. Apesar disso, alguns escritores, como o Abbas Khider, relatam forte prepotência cultural dos alemães e soberba intelectual.

Nos anos 2000, fugindo do governo ditatorial de Sadam Husseim, o escritor iraquiano Abbas Khider passou duros momentos na estranha Alemanha: primeiro, a pilha de formulários de asilo; depois, a língua; mais tarde, insultos e xingamentos pós-11 de setembro. Depois de conseguido o asilo definitivo no país, Khider estudou literatura e filosofia e tornou-se escritor. Escreve em língua alemã. Por muito tempo foi considerado um escritor de apenas uma categoria, a da *Migrationsliteratur*, mas nos tempos atuais, atingiu o *status* de importante voz representativa da literatura em língua alemã. Seu último livro, publicado em 2016, é um “tapa na cara” nas acepções positivas da acolhida alemã aos refugiados. *Ohrfeige* traduz a dificuldade de pedido de asilo na Alemanha e mostra ao choque das diferenças culturais.

Quanto às concepções positivas, a chamada Willkommenskultur, a cultura do “seja bem-vindo”, o último livro da escritora alemã Jenny Erpenbeck exagera. O caráter afetuoso e aberto da comunidade alemã com os refugiados africanos beira ao ridículo. Erpenbeck sugere no livro *Gehen, ging, gegangen* (2015) um caminho possível para a crise: a acolhida pacífica e o apoio mútuo. Os dois livros selecionados para esta pesquisa têm muitos pontos em comum, não somente no que se refere à temática e ao modo de abordagem, mas também à caracterização do autor. Toda a produção literária de Erpenbeck baseia-se no sentimento de desterro, de nostalgia, de não-pertencimento: vinda da Alemanha Oriental, ela relembra uma Alemanha perdida e inexistente. Esse distanciamento nostálgico configura sua escrita híbrida.

Esta pesquisa tem, portanto, como tema a escrita refugiada, focada tanto na posição cunhada pelo pesquisador alemão em 2005, Ottmar Ette, *Literatura sem domicílio fixo* (2005), quanto na questão autoral do estrangeiro, assim como na

ideia de que essa literatura possa configurar um *novo status da literatura universal*.

2. METODOLOGIA

Este trabalho segue um processo comparativo entre as obras selecionadas e, para isso, foi necessária uma longa pesquisa bibliográfica dos escritos de Jenny Erpenbeck e Abbas Khider, na tentativa de localizá-los em uma escrita *EntreMundos* e *Sem Domicílio Fixo* (ETTE, 2001;2005). Nesse sentido, para investigar a categorização dessas obras e importância na literatura atual está em processo a investigação sobre a atualidade do conceito goethiano “*Weltliteratur*”, a partir das ideias de Ette, Bòrso, Moretti, Damrosch e Strum-Trigonakis.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No livro *Escrever-em-dois-mundos: a literatura sem domicílio fixo*, publicado em 2005, Ottmar Ette comenta que, de fato, essa literatura de escritores deslocados não pode ser considerada nem como literatura nacional, nem se pode incluí-las nas literaturas mundiais. De fato, essa literatura passou muito tempo sendo chamada de *Gastarbeiterliteratur*, remetendo aos trabalhadores imigrados, mais tarde considerada a “literatura dos migrantes” e, finalmente, a “literatura de Migração”. Nos tempos atuais, ainda é comum a referência a essa literatura como “literatura de minorias”, que pode ser facilmente confundida com uma “literatura marginal”, mas que, claramente, não cabe no caso das literaturas de escritores de-língua-não-alemã. Ette comenta que estes conceitos são demasiados estáticos e não dão conta de nomear o processo vetorial do evento sem um terceiro espaço – “um ‘third Space’ na literatura” – mas sem a redução de um espaço determinado. A *literatura sem domicílio fixo* seria então, segundo ele, um conceito no limiar da literatura nacional e da literatura mundial.

Primeiramente, os conceitos de literatura nacional e literatura universal são termos paralelos, mas, ao mesmo tempo, contrários. Goethe, em 1827, escreve sobre o conceito “*Weltliteratur*” que, absolvido de estudos de Wieland, tornou-se, até os dias atuais sinônimo de cosmopolitismo e intercâmbio cultural (NITRINI, 2000 e CARVALHAL, 1986). O discurso da “*Weltliteratur*” pode ser entendido, em outras palavras, como um conceito de luta contra uma visão historicamente emergida da literatura que queria nacionalizar ou territorializar a um nível nacional. Importante mencionar que, quando o conceito goethiano veio à tona, não havia uma nação alemã – o que só ocorreu em 1871 – e os estados alemães viviam sob o jugo da restauração. Na literatura alemã ainda permanecia o movimento romântico, tão engajado na luta por “unidade” nacional, mas tendia ao esgotamento.

Nesse sentido, unindo essas ideias goethianas ao mercado econômico, Marx e Engels propõem em Manifesto do Partido Comunista de 1848 uma literatura que fosse universalizada e que pudesse ser compartilhada entre os povos, assim como o *Weltmarkt*: “A unilateralidade e limitação nacional estão se tornando cada vez mais impossível, e de literaturas nacionais e locais forma-se uma literatura mundial”. (MARX; ENGELS, 1974, *tradução nossa*).

É precisamente no sentido de Marx e Engels, em que a literatura mundial forma-se do intercâmbio de literaturas locais e regionais, concedendo ao conceito “*Weltliteratur*” o tom cosmopolita, que Franco Moretti pensou o artigo *Conjecturas*

sobre a literatura mundial, em 2000. Nele, o crítico italiano sugere a atualidade do conceito inicial goethiano e afirma que, apesar dos estudos comparados em literatura almejarem esse intercâmbio literário, a literatura comparada não “sobreviveu a esses esboços” (MORETTI, 2000, p.4).

É importante mencionar que, nessa perspectiva, infelizmente, o internacionalismo proposto por Goethe só teve irradiação depois da Segunda Guerra Mundial, quando Auerbach publicou, em 1952, o ensaio *Filologia da Literatura Mundial*. Auerbach afirmava que “a nossa pátria filológica é a Terra, já não pode ser a nação” e temia que essa “ecologia literária estivesse ameaçada” (AUERBACH, 2007, p. 374).

Nesse sentido, em seu estudo sobre a globalização na literatura, Damrosch (2003, p. 70) comenta sobre dicotomia existente no conceito da Weltliteratur, pois geralmente, de alguma maneira, começa com a literatura nacional e tem uma origem, uma essência. O crítico americano comenta ainda que, nessa perspectiva, existe um “West” como modelo de “nossos valores” e um “the rest” que pode ser interpretada como culturas influenciadas por “nós”. Do mesmo método interpreta Rajendran, em que estabelece a literatura “feia” e a “bonita” (RAJENDRAN, 2013, p.132), referindo-se também ao âmbito geográfico-lingüístico, em que a língua de alguns locais são privilegiadas em detimentos de outras, principalmente o caso da língua inglesa.

Nesse mesmo critério, as pesquisadoras Vittoria Borsò e Elke Strum-Trigonakis discutem os possíveis parâmetros para uma *nova literatura universal* (mundial). Em *Global playing in der Literatur: Ein Versuch über die neue Weltliteratur* (2007), a professora de literatura comparada da universidade de Thessaloniki menciona que as formas literárias ditas “híbridas”, “marginais” e “regionais” de migrantes que, para ela, consideradas anárquicas em forma, conteúdo e estrutura, têm muito em comum e podem ser consideradas como uma nova ordem mundial: a nova literatura mundial. Strum-Trigonakis comenta, ainda, que essa literatura pode ser distinguida das literaturas nacionais, das literaturas pós-coloniais, da literatura das migrações e pode ser diferente da literatura da globalização.

Primeiramente, é importante mencionar a categorização literária do escritor refugiado Abbas Khider, que ainda hoje não há classificação, ou seja, ele não está localizado na literatura alemã – numa categorização bibliotecária, por exemplo – e nem em qualquer outra categorização. Em uma estante distante na biblioteca da Universidade de Tübingen, por exemplo, o autor estava em uma categoria chamada “outra literatura alemã”. Nesse sentido, lembro-me do subtítulo do livro que foi o estopim deste projeto – *Döner in Wahlalla: Textos da outra literatura alemã* (TROJANOV, 2000). Da palavra “outra” pode-se entender claramente (como na palavra alemã *andere* também) de duas maneiras: uma literatura oposta, contrária ou uma literatura nova (ou até mesmo adicional) ao que se entende por literatura alemã.

Por outro lado, apesar de Jenny Erpenbeck ter nascido na Alemanha, ser alemã, ela se considera uma pessoa deslocada. Nascida na Alemanha oriental, “seu país não existe mais”. Por isso, utiliza-se para esta pesquisa o conceito de literatura sem domicílio fixo, pois, para Ette, o conceito extrapola os limites espaciais, refere-se também, no entanto, aos domicílios virtuais, como é o caso de Erpenbeck. Nesse sentido, também é importante mencionar que o caráter auto (r)biográfico das obras é bastante relevante, pois o que defini a *nova literatura universal*, segundo Borsò (2015), é a fraca relação do autor, obra e escrita com a nação. Para isso, defenderemos uma auto(r)referência nas obras citadas, para assim, localizá-las em uma possível categorização.

4. CONCLUSÕES

As obras principais para esta pesquisa, *Ohrfeige e Gehen, ging, gegangen* não possuem tradução para português e parecem-nos que na área de literatura em língua alemã as obras não possuem pesquisa específica como está proposto, por isso indicativo de ineditismo.

De qualquer forma, pode-se notar, portanto, que as temáticas dos livros convergem dois livros em pontos importantes de nossa era, sobretudo no que se refere ao fazer literário e ao contexto, pois os romances selecionados tratam, antes de tudo, da relação do estrangeiro com a língua, a pátria e o desterro e, podemos dizer que neste contexto de transformações culturais por conta do movimento migratório mundial, dos seus opositores e defensores, surge uma literatura.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1986.
- DAMROSCH, David. **What is world literature?** Princeton: Princeton University Press, 2003.
- ERPENBECK, Jenny. **Gehen, ging, gegangen**. München: Knaus, 2015.
- ETTE, Ottmar. **Literatur in Bewegung**. Raum und Dynamik grenzüberschreitenden Schreibens in Europa und Amerika. Weilerswist: Velbrück, 2001.
- _____. **ZwischenWeltSchreiben. Literaturen ohne festen Wohnsitz** (ÜberLebenswissen II). Berlim: Kulturverlag Kadmos, 2005.
- KHIDER, ABBAS. **Ohrfeige**. Berlim: Hanser, 2016.
- LÖFFLER, Sigrid. **Die neue Weltliteratur und ihre großen Erzähler**. Munique: C.H Beck, 2013.
- MORETTI, Franco. **Conjecturas sobre a literatura mundial**. Novos Estudos. Novembro 2000, nº 20.
- NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**. São Paulo: EDUSP, 2000.
- RAJENDRAN, C. The Actual and the Imagined: Perspectives and Approaches in Indian Classical Poetics. In: KÜPPER, Joachim (Hg.): **Approaches to World Literature**, Berlin: Akademie Verlag, p. 121–132. 2013.
- STURM-TRIGONAKIS, Elke **Global playing in der Literatur: ein Versuch über die Neue Weltliteratur**. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2007.
- TROJANOW, Ilija. **Döner in Walhalla: Texte aus der anderen deutschen Literatur**. Köln: Kiepenheuer&Witsch, 2000.